

SOBRE AS INTERTEXTUALIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS: O USO DE *HASHTAGS*

Vicente de LIMA-NETO*
Ana Paula Lima de CARVALHO**

- RESUMO: Desde o seu surgimento na década de 1990, as *hashtags* têm sido usadas com diferentes funções discursivas na internet e se tornado uma marca importante nesse ambiente. Neste trabalho, discutimos como elas, funcionando como um *link*, podem estabelecer relações intertextuais tanto em ambientes digitais quanto não digitais. Defendemos, à luz de Carvalho (2018), a *hashtag* como um diálogo marcado entre textos, ou seja, uma ocorrência intertextual por meio da qual um texto alude a um conjunto de textos, uma vez que, ao evocá-la, o usuário estabelece uma relação tangível com um conjunto inespecífico de textos. Para isso, analisamos três *hashtags*, sendo duas em ambiente digital, o Twitter, e uma em espaço não digital, as ruas da cidade de Fortaleza. À luz dos estudos da Linguística de Texto (Cavalcante *et al*, 2019), buscamos mostrar que, mesmo nascidas e pensadas no âmbito digital, as *hashtags* mantêm sua vitalidade em espaços não digitais.
- PALAVRAS-CHAVE: intertextualidade; *hashtags*; hipertexto.

Considerações iniciais

Em 1945, ano do fim da Segunda Guerra Mundial, o engenheiro e inventor estadunidense Vannevar Bush publicou o artigo “*As we may think*” (Bush, 2011), no qual propunha a ideia de *memex*, aparelho mecânico que possibilitaria arquivar e acessar, de maneira rápida e flexível, mesmo a distância, diferentes blocos de informações por meio de botões que levariam facilmente o leitor a pular dez ou cem páginas ou, ainda, voltar à primeira página do índice. O propósito do *memex* era mostrar também que, como diz Ribeiro (2008), a mente humana não pensa linearmente, mas por associação. Mais tarde, essa ideia daria asas ao próprio surgimento da *world wide web* e à noção de *links* e *hyperlinks*, pelo menos cinquenta anos antes de eles se popularizarem no Brasil, por meio das amigáveis interfaces dos computadores de mesa. Autores como Barret (1989), Ribeiro (2008), entre outros, atribuem a Bush a idealização do *hipertexto*.

* Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Caraúbas — RN — Brasil. vicente.neto@ufersa.edu.br. ORCID: 0000-0001-5068-666X.

** Instituto Federal do Piauí (IFPI). Parnaíba — PI — Brasil. anapaula.lima@ifpi.edu.br ORCID: 0000-0002-3372-9282.

Sobre essas ideias, retomamos, neste estudo, uma cara discussão para a área de linguagem e tecnologia e suas pontes com a Linguística Textual, que envolve as intertextualidades em ambientes digitais. Partimos da ideia de que o fenômeno intertextual pode, por vezes, ser indistintamente atrelado à hipertextualidade, caso não se considere o tipo de relação estabelecida entre os textos¹. Na esteira das postulações esboçadas em Araújo e Lobo-Sousa (2009), entendemos que seja necessário reafirmar os limites para o que sejam as intertextualidades, sob pena de comprometer o potencial explicativo do fenômeno ou, ainda, de perdê-lo na nebulosa de outros fenômenos, sobretudo aqueles que admitimos como constitutivos, tais como o dialogismo bakhtiniano, a interdiscursividade e as heterogeneidades enunciativas. Por isso, neste trabalho, objetivamos discutir os limites das intertextualidades em ambiente digital, especificamente no uso de *hashtags*.

A noção de intertextualidade assumida neste trabalho, à luz da Linguística Textual, refere-se ao processo relacional comprovável entre textos específicos, bem como entre um texto e um conjunto de textos. Desse modo, entendemos como intertextuais as ocorrências que se situam desde as citações mais marcadas, até o que temos chamado de alusões amplas e imitações de gêneros e de estilos (Carvalho, 2018). Como critério para que se reconheçam as intertextualidades, admitimos a verificação de evidências de algum tipo de repetição nos textos. Assim, quanto menos marcada for a relação entre os textos, mais nos afastamos do fenômeno intertextual — que definimos como pontual, em geral planejado e sempre indiciado — e nos aproximamos do estatuto dialógico constitutivo de todos os languageiros.

Para dar conta dessa proposta, parece-nos conveniente, em primeiro lugar, retornar ao conceito basilar sustentado pela Linguística Textual, qual seja, o de texto. Em seguida, passaremos a refletir sobre os fenômenos intertextuais e sobre o ambiente digital, ajustando a lupa para as *hashtags*, que, como *links*, podem ser marcas intertextuais nas redes (Xavier, 2002; Koch, 2004; Araújo; Lobo-Sousa, 2009). Sustentaremos a tese de que, a despeito da caracterização da hipertextualidade² como modo particular de enunciação, a saber, uma enunciação digital (Xavier, 2002; Araújo; Lobo-Sousa, 2009; Cavalcante *et al*, 2019)³, nas análises do texto, há mais semelhanças do que diferenças entre fenômenos intertextuais realizados *on-line* ou *off-line*.

“Revisitando o estatuto do texto”⁴

A reflexão acerca do conceito e das propriedades do texto segue vigorosa no âmbito da Linguística Textual, especialmente no momento em que se discute o espaço digital e

¹ Embora seja uma discussão cara, não a faremos neste artigo, por não estar entre nossos objetivos.

² Vamos assumir a hipertextualidade aqui como ambiente digital, embora entendamos o risco que esse posicionamento representa. Remetemos o leitor para os trabalhos de Lobo-Sousa (2009), Elias e Cavalcante (2017) e Cavalcante *et al*. (2019), para discussão mais aprofundada.

³ Remeto o/a leitor/a a Araújo e Lima-Neto (2012), trabalho em que se questiona essa tese e sobre a qual não nos dedicamos a discutir neste trabalho.

⁴ Nomeamos a primeira seção deste artigo com uma alusão a um dos mais importantes trabalhos da Linguística Textual, o artigo *Revisitando o estatuto do texto*, escrito por Cavalcante e Custódio Filho (2010).

sua relação com os modos de textualizar. Definir o texto, como bem diz Adam (2019), é tarefa que esbarra em grandes obstáculos, principalmente por se tratar de um abrigo para diversas e heterogêneas realizações possíveis, que incluem desde conversas triviais até ocorrências digitais, que atualizam práticas e usos por meio de um dispositivo conectado à internet. Com as tecnologias digitais cada vez mais avançadas, os sujeitos de linguagem têm conseguido alargar sobremaneira as potencialidades enunciativas dos recursos sociossemióticos disponíveis. Hoje, são (praticamente) infinitas as maneiras de fazer texto.

Frente a tantas inovações, parece-nos oportuno retornar aos fundamentos teórico-epistemológicos que assumimos. Assim, pensaremos texto a partir das postulações de Bakhtin e seu círculo, uma vez que se encontram nelas as linhas de força que sustentam fenômenos como as intertextualidades, de que trataremos mais adiante. Faremos uma breve discussão de pontos que, conforme acreditamos, alicerçam nossa perspectiva de linguagem e de texto, bem como as suas consequências e desdobramentos para o exercício analítico.

Assumimos texto “como enunciado (no sentido dado a esse termo por Brait, 2016), que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (Cavalcante *et al*, 2019, p. 26). Essa concepção, como anunciamos, alinha-se ao postulado bakhtiniano de dialogismo, segundo o qual

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (Bakhtin, 2011, p. 297).

Em outras palavras, cada texto se manifesta singular e situadamente, em uma dada esfera da atividade humana, compondo uma cadeia ininterrupta de interação. Nessa perspectiva, a interação só existe a partir de um enunciado — ou texto — que apresenta características fundamentais, a saber: a alternância de sujeitos, a qual lhe determina as fronteiras, e a conclusibilidade. Esta, por sua vez, é dada pela exauribilidade do objeto; o projeto de dizer do sujeito e os condicionamentos genéricos. Em termos práticos, entender o texto como uma unidade e um objeto de análise implica admiti-lo como sendo disciplinado por limites, isto é, como tendo começo, meio e fim. E mais: o texto só existe em relação a outros textos, frente aos quais manifesta uma atitude responsiva-ativa. (Bakhtin, 2011; Volóchinov, 2018).

Para uma análise textual, evidentemente também importam aspectos sociointeracionais e (inter)discursivos, assim como a heterogeneidade de vozes que marcam todo dizer. Contudo, o foco do analista do texto sempre estará voltado para as regularidades que organizam a produção e a interpretação dos sentidos. Nessa perspectiva, consideraram-se hoje também elementos como a (as) sincronicidade, a mídia, o caráter hipertextual e conectividade à internet (Muniz-Lima; Custódio-Filho, 2020), uma vez que atravessam os modos de textualizar.

Também não nos escapa a percepção de que muito do que se tem teorizado acerca de texto ainda não contempla certos recursos sociossemióticos e potencialidades disponíveis no universo das mídias e suporte digitais. Entretanto, defendemos que o conceito de texto, a despeito da mídia, do suporte ou do ambiente em que se realize, precisa ser válido e aplicável a qualquer realização. Ambiente, mídia ou suporte potencializam inúmeras e ricas textualizações, mas o texto — como objeto de análise — segue como evento, unidade conclusa de coerência em contexto.

A nosso ver, texto é texto, independentemente do ambiente em que se realiza. Essa defesa, cumpre notar, tolhe a atribuição de especificadores já cristalizados na literatura, como texto *digital* (Sousa, 2013; Araújo, 2013) ou texto *eletrônico* (Marcuschi, 2004 ; Krug, 2019) ou ainda texto *nativo digital* (Giering; Pinto, 2021); em oposição aos textos que não estão na internet (ou pré-digitais)⁵. O que parece existir, na verdade, é uma *digitalidade* do texto (Araújo, 2013), posição assumida, provavelmente, por se atribuir ao texto certas características que, na verdade, não pertencem a ele, mas ao ambiente em que se realizam e circulam.

Sobre as intertextualidades e seus limites

O dialogismo bakhtiniano, como já mencionamos, apresenta-se como condição ideológica de toda matéria linguageira, o que significa que as relações entre os textos nunca se findam e, são, portanto, constitutivas. Entretanto, pontualmente é possível verificar evidências das ligações entre textos, únicos ou tomados em conjunto. Quando isso acontece, estamos diante do fenômeno a que temos chamado de intertextualidade.

Destacamos, com efeito, que as intertextualidades serão, sempre e irremediavelmente, constitutivamente dialógicas, ainda que nem todas as relações dialógicas sejam necessariamente intertextuais. Da mesma forma, também convém apontar as interseções e os distanciamentos entre a intertextualidade e outros fenômenos que, para nós, também são constitutivos: a interdiscursividade e as heterogeneidades enunciativas.

Advinda do arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa, a noção de interdiscursividade compreende que todo dizer integra uma discussão axiológica em grande escala, uma vez que responde, de algum modo, a um já-dito. Nessa perspectiva, os discursos comportam sempre discursos outros, na medida em que se constituem,

⁵ A questão é tão cristalizada que, pelo não uso de um especificador ao lado do termo *texto*, já se supõe que o referente aponta para o ambiente impresso, na modalidade escrita da língua.

sócio-historicamente, inscritos em sistema de restrições semânticas das formações das quais se originam. Em termos práticos, temos que os discursos serão sempre tomados em atravessamento, isto é, em relações interdiscursivas, quer de aliança ou de oposição, dada “a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo” (Maingueneau, 2008, p. 37).

E, do mesmo modo que se dá com o dialogismo bakhtiniano, intertextualidade e interdiscursividade não se contrapõem. Também texto e discurso não se opõem, mas são tomados como interdependentes. Essa visão favorece uma análise que contemple aspectos atinentes a cada um, separadamente, mas sempre integrados. Importa, então, reafirmar que nem dialogismo nem interdiscursividade coincidem com a concepção de intertextualidade que estamos pleiteando. Dialogismo e interdiscursividade não implicam intertextualidade, ainda que o contrário seja verdadeiro.

Outro fenômeno, para nós também constitutivo, com o qual a intertextualidade, por vezes, se sobrepõe é o de heterogeneidade enunciativa. O dialogismo bakhtiniano foi retomado por Jacqueline Authier-Revuz (1982) para a proposição do conceito, para o qual traz, como elemento diferencial, a incorporação da noção de inconsciente, advinda do arcabouço teórico da psicanálise freudo-lacaniana. Temos, pois, dialogismo e heterogeneidade como categorias que conduzem as reflexões acerca do sujeito discursivo. Evidencia-se o descentramento do eu, uma vez que um “eu” pressupõe sempre outros “eus”, constitutivos tanto do sujeito como do(s) discurso(s).

A noção de heterogeneidade se subdivide em *constitutiva* e *mostrada*. A primeira se relaciona à própria condição de existência dos sujeitos e dos discursos, considerando-se que todo discurso advém do entrelaçamento dos discursos em dispersão no meio social. A segunda, por sua vez, refere-se aos modos como a voz do outro se apresenta no fio do texto. A heterogeneidade mostrada dá, pois, a ver, a inscrição do outro e permite identificar construções nas quais vozes ou pontos de vista não coincidem, isto é, permite a apreensão de diferentes vozes enunciativas.

Chegando a este ponto, podemos afirmar que tanto dialogismo quanto interdiscursividade e heterogeneidade são fenômenos maiores que a intertextualidade, já que “toda intertextualidade supõe o caráter dialógico de todo discurso e o atravessamento de vozes que representam diferentes lugares sociais que se estabilizam e se desestabilizam durante as interações” (Cavalcante; Brito, 2011, p. 261). Isso posto, acentuamos que tanto a intertextualidade quanto a heterogeneidade mostrada se apresentam indiciadas quer por elementos tipográficos mais salientes quer por outros parâmetros textuais, como a referenciação. E, como dissemos, intertextualidade e heterogeneidade, por vezes, ainda que não se confundam, podem se sobrepor. Apesar disso, a investigação desses fenômenos se dá por bases epistemológicas distintas.

Após essa não tão breve demarcação de fronteiras, passemos, agora mais detidamente, a refletir acerca do fenômeno intertextual, que, embora não essencial, confere potencial criativo e argumentativo à textualização. À luz de Carvalho (2018), o que temos pleiteado é que as intertextualidades, fundadas no mecanismo da repetição, subdividam-se em: I) estritas, verificadas quando determinado texto incorpora parte de

outro texto identificável, ou é dele uma transformação ou um comentário e II) amplas, dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas de um conjunto de textos.

São estritas as relações intertextuais dadas por copresença, isto é, inserções de parte(s) de um texto em outro, como ocorre nas citações, paráfrases e alusões, bem como por transformações de um texto em outro, realizadas por paródias e transposições. Também são estritas as metatextualidades, isto é, as relações estabelecidas por comentários a um texto-fonte específico. Cumpre notar que esses processos se manifestam em complementaridade. No caso das transformações, assim como nos de metatextualidade, sempre teremos ocorrências de copresenças (Faria, 2014).

No bojo das intertextualidades amplas, estão: a) as alusões amplas, casos em que não há a retomada de um conjunto de textos, mas a uma referência difusa a fatos, conteúdos ou situações que, embora não retomem texto(s) específico(s), estabelecem uma relação ainda tangível entre um texto e diversos outros e b) a imitação de parâmetros composicionais, temáticos ou estilísticos de determinado gênero de estilo de autor, abstraída pela remissão a um conjunto inespecífico de textos. As ocorrências amplas, ainda que mais difusas, podem ser indiciadas por elementos textuais como a redundância de (sub)tópicos, a referenciação, a repetição de aspectos formais ou composicionais, dentre outros.

Esses tipos, embora qualitativamente distintos, não apenas não se excluem como comumente sobrepõem e se complementam. Não raro, flagramos num mesmo texto os tipos coexistindo. Vejamos um exemplo:

Figura 1 – Capitã Cloroquina



Fonte: Instagram⁶.

O texto acima retoma, por processo intertextual estrito, o depoimento da secretária de Gestão do Trabalho e Educação do Ministério da Saúde, Mayra Pinheiro, à CPI da Covid. Ao ser questionada pelo relator, Renan Calheiros, sobre o motivo pelo qual o governo não teria seguido as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto ao uso da cloroquina, Mayra Pinheiro destacou que o Brasil não seria

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CPVjMPgptJi/?utm_medium=share_sheet. Acesso em: 4 dez. 2023.

obrigado a seguir a OMS e criticou posturas adotadas pela organização durante a pandemia. A médica afirmou também que não foi orientada a recomendar cloroquina para pacientes com coronavírus e que a pasta da Saúde nunca indicou tratamentos para a doença, divulgando apenas uma “nota orientativa” para médicos, ainda que, segundo ela, todos os recursos devessem ser utilizados.

Temos, além dessa retomada estrita, indiciada pela imagem da secretária e dos elementos verbais que aludem a trechos de seu depoimento, dois processos intertextuais: a imitação de parâmetros de gênero e o que temos chamado de alusão ampla. A imitação de gênero se verifica na caixa de remédio representada na roupa da depoente. O locutor repete o padrão composicional das embalagens de medicamentos, ainda que transgredindo elementos da forma e do conteúdo, com o propósito de criticar os que, contrariando todas as recomendações da OMS, insistiram em prescrever um remédio comprovadamente ineficaz para o tratamento da Covid-19. A alusão ampla, por sua vez, aparece indiciada pela imagem de inúmeros crânios, que apontam para as amplamente noticiadas mortes dos quase 500.000 brasileiros ao longo desse período pandêmico.

Vejam os mais um exemplo:

Figura 2 – Power Point



Fonte: Instagram⁷.

No exemplo, recuperamos muito facilmente a tão divulgada apresentação de *PowerPoint* feita por Deltan Dallagnol, numa coletiva de imprensa em 2016, para facilitar a compreensão das acusações feitas Ministério Público ao ex-presidente Lula. Segundo o coordenador da força-tarefa da Lava Jato, Lula seria cabeça de esquema de corrupção sem precedentes na Petrobrás. Ocorreu que o padrão da apresentação viralizou nas redes sociais, sendo constantemente evocado intertextualmente, como se vê. Anos depois, o texto ainda é retomado por processo intertextual estrito, mas também aludindo amplamente às circunstâncias em que ele surgiu, o que resulta numa convocação de elementos contextuais: um cenário de crise política encarado com uma explicação frágil para atitudes que tiveram graves desdobramentos para o país. No caso em tela, no centro da constelação aparece o nome da farmacêutica Pfizer, inúmeras

⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CP77V7yAzYE/?utm_medium=share_sheet. Acesso em: 4 dez. 2023.

vezes mencionada na CPI da Covid. Tornou-se público que a empresa entrou em contato diversas vezes com o governo federal, a fim de estabelecer parceria para a imunização dos cidadãos. As informações enfureceram grande parte da população e, em resposta, muitos textos manifestaram descontentamento com o descaso das autoridades frente às oportunidades de minimizar as perdas do povo brasileiro.

Como vemos, há o recurso parodístico de transformação do texto-fonte, mas também alusões ao conjunto de textos que compartilharam o sentimento de revolta pela negligência do poder público no combate à doença. O texto se vale do humor e da sátira, aludindo a muitas práticas textuais pelas quais a Pfizer teria tentado chamar a atenção do presidente, incluindo *stories* com *emoji* de foguinho, recurso comum quando alguém tenta flertar pelas redes sociais.

Tratamos aqui de uma compreensão mais abrangente acerca das intertextualidades, que amplia a visão cristalizada de que o fenômeno se limita aos casos em que se dão relações entre textos específicos e recuperáveis. Nossa definição assume as relações verificáveis entre textos como objeto de análise, levando-as ao limite com os fenômenos constitutivos que aqui mencionamos. Assim, quanto mais indiciadas forem as ocorrências, isto é, quanto mais marcas (não necessariamente tipográficas, mas de toda ordem, desde que atestem as “repetições” de um texto ou de um conjunto de textos em outro), mais próximos estaremos de ocorrências intertextuais. Do mesmo modo, quanto mais difusas e menos apreensíveis forem as relações, mais próximos estamos de fenômenos constitutivos dos usos languageiros.

Essa discussão dos limites das intertextualidades se deve ao nosso interesse, neste trabalho, em verificar suas relações em ambientes on e off-line, a partir dos quais se estabelece uma ligação infinita entre os textos que estão disponíveis no mundo, graças ao mecanismo de linkagem. Esse será o foco de nossas reflexões na próxima seção.

Todas as relações entre textos no ambiente digital são intertextuais?

Nossa resposta é não. Após refletir sobre os critérios a partir dos quais concebemos a intertextualidade, estenderemos o olhar para questionar o estatuto intertextual das relações entre textos nos ambientes digitais. Entendemos estes ambientes, fundamentados em Lévy (1999), como espaços de unidades de dados chamados de *bits*, abreviação de *binary digit*, representado pelas sequências numéricas 0 e 1. Esses códigos constituem a linguagem dos computadores, mas chegam até nós transformados em texto escrito, imagens, sons ou a convergência dessas três semioses, por meio de telas constituídas por elementos específicos que permitem ler esses dados, *laptops*, *desktops*, *smartphones* e *tablets*. Como linguistas do texto, vamos até aí, na atualização desses textos nessas telas. Por trás desses códigos binários, estão diferentes tipos de linguagem, como *Java*, *JavaScript*, *linguagem C*, *C++*, *Objective-C*, *Swift*, *PHP* e tantas outras, cujo conhecimento aponta para outras áreas das Ciências da Computação.

Retomamos a reflexão empreendida por Araújo e Lobo-Sousa (2009), cuja relevância só aumentou, considerando que ainda não conseguimos dar conta de muitas das questões relacionadas aos modos de fazer texto no ambiente digital. São os autores os primeiros a responder negativamente à questão do subtítulo, dizendo que

[...] o fato de *linkar* um texto a outro não garante, necessariamente, o fenômeno intertextual. Assim, podemos sugerir que o *link*, a rigor, gera a hipertextualidade e não a intertextualidade, pois o que percebemos é que a intertextualidade pode até ser explicitada em um *link*, mas não gerada por ele. (Araújo; Lobo-Sousa, 2009, p. 579).

A questão dos autores foi suscitada sobretudo pelas postulações de Xavier (2003), que imbrica hipertextualidade e intertextualidade. O autor defende uma “hiperintertextualidade infinita”. Segundo ele, os *hiperlinks* promovem uma relação estratégica entre os textos, de tal modo que, ao clicar, estaria estabelecida a intertextualidade. Para tal afirmação, assume as noções de intertextualidade explícita (planejada e marcada) e de conteúdo (dada pelo compartilhamento de temas), propostas por Koch (1991). Como bem já apontaram Araújo e Lobo-Sousa (2009), essas categorias intertextuais foram revistas pela própria Koch algum tempo depois. Além disso, também não se considerou a natureza das relações entre os textos ou, ainda, quais as evidências textuais da pleiteada intertextualidade. O autor assumiu apenas que o fato de estarem ligados pelo mecanismo dos *hiperlinks* já seria garantia do estatuto intertextual atribuído ao hipertexto.

Tanto em Xavier (2002) quanto em Araújo e Lobo-Sousa (2009, p. 579), o *hiperlink* é visto como um dispositivo técnico-informático que interconecta textos ou fragmentos de textos, constituindo-se o principal responsável pela intertextualidade em ambientes digitais. Embora concordemos com a proposição dos últimos autores de que a hipertextualidade não é garantia para a existência da intertextualidade, buscamos ir um pouco além: primeiro, não limitamos o *hiperlink* à internet. Aqui, alinhamo-nos a Gualberto (2008), que o entende como os elos que ligam os *nós* — ou blocos textuais, organizados em blocos separados, mas inter-relacionados. Assim, “o hipertexto é uma rede desses nós, conectados pelas ligações” (Gualberto, 2008, p.57). Nessa perspectiva, o que diferencia o *hiperlink* do *link* é apenas o prefixo, apontando o *hiper* para o universo digital, na esteira do grupo que defende as limitações do hipertexto à *web*⁸. Essa primeira diferença é importante para mostrar que o que acontece nos ambientes digitais tem mais semelhanças do que diferenças com o que está fora de lá.

O que é interessante nas propostas seminais sobre estudos do hipertexto, que, mais tarde, voltaram a ser estudadas para explicar o que acontece num ambiente da internet, como em Lévy (1993) e Landow (1997), é que a ideia de relacionar textos

⁸ Remetemos o leitor aos trabalhos de Koch (2002), Primo, Recuero e Araújo (2004), Gualberto (2008) e Hissa (2009), para aprofundamentos do conceito de *hiperlink* e possíveis classificações.

não é nada nova, por mais que essa relação seja estabelecida por meios mecânicos, como em Bush (2011, p. 126):

Portanto, a qualquer momento, quando um desses itens está em exibição, o outro pode ser instantaneamente reexibido, bastando apertar um botão situado abaixo do espaço do código correspondente. Além disso, quando numerosos itens tiverem sido unidos desta maneira para formar uma trilha, eles podem ser revisados um a um, rápida ou lentamente, com o girar de uma alavanca como aquela usada para virar as páginas de um livro. É exatamente como se itens físicos de fontes bem separadas tivessem sido unidos para formar um novo livro. É mais do que isso, já que qualquer item pode ser conectado a numerosas trilhas.

Nesse excerto, temos uma primeira ideia do que, mais à frente, seria o *link*, embora o autor não se utilize em nenhum momento, neste texto, dessa nomenclatura. Para Ribeiro (2008), o que de fato era importante para Bush não era a técnica, “mas o modo associativo de fazer vínculos entre informações” (Ribeiro, 2008, p.55). Conectar dois blocos de informação era o mais relevante. Veja-se, portanto, que o princípio de ligar informações e textos não está nas tecnologias digitais. Como diz Coscarelli (2006, p. 8)

[...] *linkamos* o tempo todo. Na nossa língua temos, por exemplo, muitas formas de marcar esses links de um assunto para outro: ‘e por falar nisso’, ‘já que você tocou nesse assunto’ [...], ou de falar que estamos sugerindo outros centros de conversa: ‘mudando completamente de assunto’, ‘mudando da água para o vinho’, antes que eu me esqueça’, entre inúmeras outras.

Os exemplos da autora recaem sobre uma possível interação face a face. Entretanto, em suportes materiais, podemos usar o índice e ir direto ao ponto de interesse ou irmos a uma nota de rodapé ou de fim de capítulo e voltar; ou, ainda, ver uma citação e ir direto às referências de um artigo. Na frente de um computador ligado à internet (ou mesmo *off-line*, em alguns programas), com as técnicas de uso de *touchscreen* ou *mouse*, podemos clicar direto num *hiperlink* e ir para outro texto⁹. O princípio é o mesmo. O que muda são as mídias, os suportes e as relações que nós, sujeitos da linguagem, estabelecemos com os textos e com o espaço em que eles se realizam.

Neste ponto, também parece oportuno refletir acerca das interações na *web*. Não negamos a rapidez e eficiência, além da navegabilidade nos espaços digitais da

⁹ Se vier a esta nota de rodapé — um outro texto, portanto —, verá que o princípio dos *links* na hipertextualidade não muda em nada o que está acontecendo neste momento, durante sua leitura. Espera-se, agora, que o leitor acadêmico, ao finalizar este texto, volte os olhos para onde parou, provando que não-linearidade (ou multilinearidade ou deslinearidade) não são do ambiente digital, uma vez que o movimento esperado seria o mesmo, independentemente de ler este trabalho impresso ou em alguma tela.

internet. É fato inquestionável que a popularização da internet provocou uma verdadeira revolução na comunicação humana e nos modos de textualizar. Há, como notamos, inúmeros gêneros e textos vinculados às necessidades enunciativas que emergem desse espaço heterogêneo de práticas discursivas e, evidentemente, não é possível negar que as tecnologias e o ambiente digital propiciam produtivos entrelaçamentos semióticos, bem como infinitas possibilidades de textualizações. Isso, porém, não quer dizer que estamos diante de uma forma ou particular de enunciar ou, mais precisamente, um modo de enunciação digital.

Conforme acreditamos, há, sim, múltiplas enunciações consubstanciadas no/pelo caráter multifacetado da textualidade pré-digital agora revestidas e/ou potencializadas por novidades técnicas em ambientes digitais (Araújo; Lima-Neto, 2012). Esse raciocínio também vale para os *links*, tão antigos quanto a linguagem humana, e para as relações entre os *nós* que eles estabelecem, que não necessariamente apontam para relações intertextuais ou para uma dita *intertextualidade infinita*, já defendida anteriormente por Xavier (2002) e outros.

Cabe-nos aqui acentuar que, conforme defendemos, as intertextualidades, mesmo as amplas — situadas no limite com fenômenos como o dialogismo — estão atreladas à verificação de evidências textuais, isto é, marcas linguísticas de toda ordem. Sem a presença de indícios que atestem a repetição de um texto em outro(s), estaríamos tratando de outras relações que não as intertextuais. Não estamos, com isso, negando que possa se estabelecer relação intertextual pelos *hiperlinks*. Antes, porém, cabe indagarmos se é possível assegurar que toda forma de indexação de um texto a outro(s) será sempre intertextual. O que afirmamos a esse respeito é que entendemos a intertextualidade como um fenômeno maior (e independente, portanto) que a hipertextualidade.

Importa, entretanto, apontar um tipo particular de *hiperlink* que, a nosso ver, tem caráter naturalmente intertextual: a *hashtag*. É sobre que nos debruçaremos no próximo subtópico.

***Hashtag* na web e sua natureza intertextual**

A *hashtag*, segundo Silva (2017, p. 20) é “junção dos termos *hash* (cerquilha, em inglês) com *tag* (*etiqueta*) e diz respeito a uma cadeia de caracteres que formam uma unidade ao ser precedida pelo símbolo cerquilha”. Seu surgimento remete ao extinto IRC (*Internet Relay Chat*)¹⁰, na década de 1990, e funcionava como um tipo de encapsulador, com o propósito de organizar os tópicos de uma conversa. Sua popularização, entretanto, deu-se apenas em 2007, no Twitter, sendo utilizado como uma *tag*. Em 2009, tornou-se um *link*, com o propósito de agrupar textos sob um mesmo tópico e, como consequência, agrupar também pessoas, expressando uma ideia em comum.

¹⁰ Mais informações disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_Chat#EFnet. Acesso em: 24 set. 2021.

Ao longo do tempo, outros sites de redes sociais também adotaram a *hashtag* como *link*, a saber, o Instagram e o Google+, em 2011, e o Facebook, em 2013. Diante de sua popularização, a *hashtag* também assumiu distintas funções sociais (Araújo, 2017)¹¹ e formatações: palavras (#amor), expressões sem verbo (#lulalivre), sentenças (#euacreditoempapainoel) etc.

Tomamos aqui apenas um exemplo, para demonstrar como se dá o funcionamento no Twitter, em 2021:

Figura 3 – #CPIdaCovid no Twitter



Fonte: Twitter¹².

O recorte da tela acima foi feita no dia 28 de setembro de 2021, às 21h15, no dia em que ocorreu o depoimento de Bruna Morato¹³, na Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19, na Câmara Federal. Neste dia, a *hashtag* #CPIdaCOVID esteve, por algumas horas, como o assunto mais comentado na rede. O exemplo é interessante, para mostrar que a #CPIdaCOVID é um exemplar de intertextualidade ampla: as *hashtags* evocam diálogos amplos, mostrando que há uma relação tangível entre um conjunto de textos difusos (os depoimentos na CPI, postagens em diferentes sites de redes sociais, notícias etc.) que tratam do que aconteceu no Senado Federal naquela tarde. Num site

¹¹ Por questões de espaço, não nos debruçaremos nestas questões, mas remetemos o leitor para os trabalhos de Araújo (2017) e Burikova e Ovchinnikova (2021), que elencaram diversas funções discursivas, como conferir intensidade ao conteúdo semântico do texto, acrescentar contexto à mensagem, construir identidade de indivíduos, sugerir adesão à mobilização social, promover serviços, comentar emoções, entre outras.

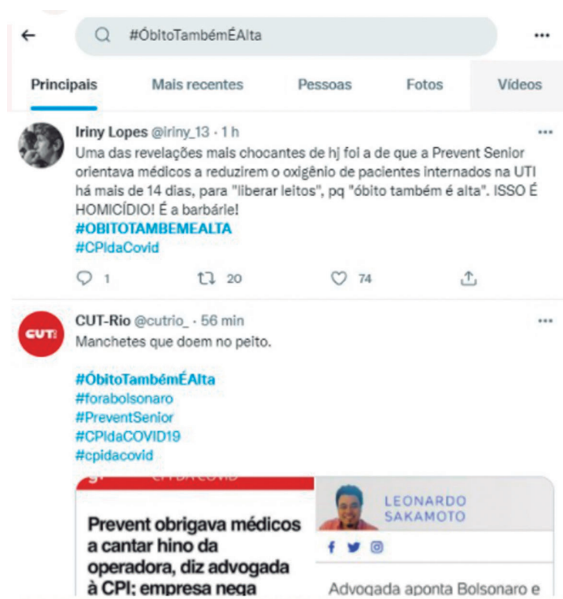
¹² Disponível em: https://twitter.com/search?q=%23CPIdaCovid&src=typeahead_click. Acesso em: 28 set. 2021.

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eFtVEp__Gg. Acesso em: 28 set. 2021.

de rede social, essa expressão imediatamente se torna um *link*, mostrando como se dá essa relação intertextual na própria materialidade do ambiente digital, reunindo centenas de milhares de textos em lista que se reportam ao mesmo conjunto de informações.

Em 2, aparece, tanto na postagem da Mídia Ninja quanto na da deputada Samia Bonfim, uma citação direta, de um texto proferido pela advogada Bruna Morato: “Óbito também é alta”, que, por sua vez, já seria uma alusão a um texto proferido com recorrência nos corredores do hospital então investigado. De toda forma, a citação da advogada (aqui, portanto, intertextualidade estrita, por copresença) viralizou nas redes.

Figura 4 – #Óbitotambéméalta



Fonte: Twitter¹⁴.

Notemos o movimento: a *hashtag* (e suas variações) #ÓbitotambéméAlta tornou-se também um dos mais comentados no Twitter neste dia e, pela volatilidade do ambiente, potencializou a elaboração de um conjunto de outros textos que logo se espalharam pelas redes, gerando, mais uma vez, uma intertextualidade ampla. Trata-se, portanto, de um texto proferido fora do ambiente digital, mas que aumentou seu alcance pelas potencialidades técnicas das tecnologias digitais que constituem as redes sociais.

Vemos, então, o primeiro exemplo #CPIdaCOVID, como um texto produzido *na* e *para* a rede, com claro intuito de viralizar e reunir sob sua materialidade linguística um conjunto de textos que debatem sobre os fatos ocorridos no Senado, enquanto o segundo exemplo como um texto produzido fora do ambiente da internet, mas para lá migrado e

¹⁴ Disponível em: https://twitter.com/search?q=%23obitotamb%C3%A9m%C3%A9alta&src=typed_query&f=top. Acesso em: 28 set. 2021.

se espalhando, sob uma *tag*, cuja função discursiva é, sobretudo, conferir intensidade ao conteúdo do texto (Araújo, 2017), com claro propósito argumentativo de se posicionar contrariamente às práticas referidas, tidas como criminosas em determinados grupos sociais. Agora vejamos como uma *hashtag*, embora criada para circular em ambiente digital, tem tido absoluta eficácia fora dele também.

Hashtag fora da web

Araújo (2017) desenvolve uma categorização para *hashtags* que têm funções discursivas diferentes fora do ambiente digital: um marcador de intensidade, quando a # funciona como “intensificador do conteúdo semântico da mensagem” (Araújo, 2017, p.106); um marcador de contexto, ou “um recurso semiótico que indica a informação que irá contribuir para a compreensão do conteúdo do texto (Araújo, 2017, p. 111); e, por fim, um instrumento de mobilização social, quando, sob sua tutela, uma *hashtag* tem o propósito de reunir grupos que defendem uma mesma causa e lutam por mudanças sociais.

A autora não se debruça sobre a potencialidade intertextual das *hashtags*, mas chama a atenção para a força que elas passaram a ter mesmo fora da internet. Tomamos o trabalho da autora como base, para discutir sobre o movimento #vaidarcerto, um bordão do médico Elias Leite, que, por conta da pandemia, fazia circular vídeos nas redes sociais como um propósito motivacional e — por que não? — promocional de uma empresa administradora de planos de saúde¹⁵.

O bordão espalhou-se fora da internet e hoje ocupa dezenas de espaços na cidade de Fortaleza, gerando uma paisagem semiótica cuja principal proposta é a de motivação da população no combate à pandemia. Atentemos para os três exemplos a seguir:

Figura 5 – Hashtag utilizada fora do contexto digital



Fonte: Elaboração própria.

¹⁵ Mais sobre essa história pode ser lida em: <https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/unimedfortaleza/2021/04/08/voce-conhece-a-historia-por-tras-do-vaidarcerto.html>. Disponível em: 25 set. 2021.

Figura 6 – *Hashtag* em estabelecimento comercial



Fonte: Elaboração própria.

Figura 7 – *Hashtag* em prédio residencial



Fonte: Elaboração própria.

Nas figuras 5 e 6, a *hashtag* foi utilizada em dois estabelecimentos comerciais, ocupando grande espaço em suas fachadas. Em 5, por exemplo, por saliência (Kress; Van Leeuwen, 2006), ela é mais destacada que o próprio nome da loja, tamanha a importância dada à campanha. Já em 7, a # ocupa um espaço mais tímido na fachada de um prédio residencial, também sugerindo que a campanha é adotada/ praticada por todos os moradores.

O que se vê é que a #VAIDARCERTO (e suas variantes) também *viralizou*, tornando-se um meme¹⁶, fora do ambiente digital, por meio de uma intertextualidade ampla, aludindo a uma rede difusa de fatos que envolvem a pandemia e a todo o sofrimento por ela causado à população, permitindo o estabelecimento de relações entre

¹⁶ Aqui, meme está sendo entendido nos termos de Dawkins (2010), como um replicador cultural, ou seja, ideias que são replicadas de tempos em tempos numa dada cultura.

os textos imersos nesse contexto pandêmico. Logo, a ideia é que qualquer cidadão que circule pela cidade e se depare com essa paisagem semiótica nesse período se sinta acolhido por um discurso esperançoso de que a pandemia passará e todos ficarão bem. Isso só é possível porque esse texto foi produzido numa situação que envolve todos os habitantes do planeta, sem exceção, inclusive aqueles que circulam pela cidade de Fortaleza, sendo, portanto, um fato recuperável por todos os que sabem o que está acontecendo. Mesmo na possibilidade de não recuperarem, isso não inviabiliza o fenômeno.

Queremos dizer, com isso, que a *hashtag* deixou de fazer parte do universo digital e se espalhou para a vida pública fora da internet, fazendo com que as relações intertextuais estabelecidas não tivessem diferença alguma com aquela que acontece na internet. A compreensão do texto e a maneira como processamos cognitivamente a informação se dá muito mais no tripé autor-texto-leitor, independentemente do ambiente em que essa relação está acontecendo. A então condição de se tornar um *link*, ao se utilizar do símbolo #, mantém-se quando usado nas paredes de prédios e, por conseguinte, o seu potencial de estabelecer relações com outros textos, que, do ponto de vista do processamento cognitivo do ser humano (que funciona por associações, como o *memex*, de Bush), segue a mesma lógica do que acontece em ambientes digitais.

Defendemos, portanto, que as intertextualidades são uma estratégia de textualização que diz respeito muito mais ao produtor e ao leitor e suas habilidades de (re)construir sentido(s) do que aos ambientes nos quais os textos circulam. Não negamos o potencial de espalhamento de uma *hashtag* em ambiente digital, é evidente, mas o que queremos dizer é que, independentemente de aparecerem rapidamente em telas de smartphones ou estarem pichados em paredes de prédios, as relações intertextuais acontecem da mesma maneira do ponto de vista dos sujeitos. Há, portanto, muito mais semelhanças do que diferenças nas análises de texto realizadas em ambientes *on* ou *off*-line.

Considerações finais

Depois das discussões aqui empreendidas, consideramos importante lançar luz sobre os pontos que consideramos fulcrais: texto, a despeito do ambiente em que se atualize, é sempre texto. Desse modo, o uso de adjetivos como *digital* pode estabelecer uma relação de poder que, conforme entendemos, não deve existir. Basta pensarmos que não se marcava, costumeiramente, o uso de *texto não digital*, ou *texto analógico*.

O advento e o investimento em pesquisas voltadas ao ambiente digital parecem ter inaugurado uma assimetria entre textos, um certo privilégio ao que se tem chamado de textos digitais, como se se tratasse de um objeto novo, com características tão peculiares que o afastassem do que, até então, abrigava-se no conceito de texto. Não negamos o ambiente digital e suas potencialidades enunciativas, como maior interatividade e mais usos de recursos semióticos, mas o que pleiteamos aqui é que há mais semelhanças do que diferenças entre o que acontece nos universos *on-line* e *off-line*.

Nessa perspectiva, buscamos demonstrar que mesmo as relações pensadas e nascidas no âmbito digital — caso das *hashtags* — podem manter vitalidade em espaços não digitais. Defendemos aqui que a *hashtag* constitui um tipo particular de ocorrência intertextual, a saber, um recurso por meio do qual um texto alude a um conjunto de textos, uma vez que, ao evocá-la, o usuário estabelece uma relação tangível com um conjunto inespecífico de textos que comungam de dado pensamento. Há, nesse caso, um diálogo marcado — intertextual, portanto — entre textos.

LIMA-NETO, V; CARVALHO, A. On intertextualities in digital environments: the use of hashtags. *Alfa*, São Paulo, v. 67, 2023.

- *ABSTRACT: Since its emergence in the 1990s, hashtags have been used with different discursive functions on the internet and have become an important brand in this environment. In this work, we discuss how hashtags, working as a link, can establish intertextual relationships both in digital and non-digital environments. We defend, according to Carvalho (2018), the hashtag as a marked dialogue between texts, that is, an intertextual occurrence through which a text alludes to a set of texts, since, when evoking it, the user establishes a tangible relationship with an unspecified set of texts. For this, we analyzed three hashtags, two in a digital environment, Twitter, and one in a non-digital space, the streets of Fortaleza city. Supported by Text Linguistics studies (Cavalcante et al, 2019), we seek to show that even relationships conceived and born in the digital environment — in the case of hashtags — maintain vitality in non-digital spaces.*
- *KEYWORDS: intertextuality; hashtags; hypertext.*

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Textos, tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019.

ARAÚJO, C. T. M. **As funções sociais e discursivas da #Hashtag em seus diversos contextos de uso**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ARAÚJO, J. O texto em ambientes digitais. In: COSCARELLI, C. V. (org.). **Leituras sobre a leitura: passos e espaços na sala de aula**. Belo Horizonte: Vereda, 2013. v. 1. p. 88–115.

ARAÚJO, J. C.; LIMA-NETO, V. Ruptura não, linkagem sim: o hipertexto e as enunciações na web. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 56–67, 2012.

ARAÚJO, J.; LOBO-SOUSA, A. C. Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 9, n. 3, p. 565–583, set./ dez. 2009.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: des éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, Paris, n. 26, p. 53–61, 1982.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARRET, E. **The society of text: hypertext, hypermedia and the social construction of information**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1989.

BRAIT, B. O texto nas reflexões do Círculo e de Bakhtin. In: BATISTA, R.de O. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p.13-30.

BURIKOVA, S.A.; OVCHINNIKOVA, E. Hashtag as modern text format in Linguistics. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 7, n. 2, p. 261–268, maio/ago. 2021.

BUSH, V. Como podemos pensar. Trad. Luana Villac. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14–32, mar. 2011.

CARVALHO, A. P. L. **Sobre intertextualidades escritas e amplas**. 2018. 136f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25–39, 2019.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação. **Linha d'Água**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 83-100, 2011.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO-FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, Natal, v. 12, n. 2, 2010.

COSCARELLI, C. V. Os dons do hipertexto. **Littera**, São Luís, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/DonsDoHipertexto.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: EDUSP, 2010.

ELIAS, V. M.; CAVALCANTE, M. M. Linguística Textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. **Linguística textual e Pragmática: uma interface possível**. São Paulo: Labrador, 2017, p. 317–338.

FARIA, M. G. S. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. 2014. 118f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

GIERING, M. E.; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. **Revista (Con)textos linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 30–47, 2021.

GUALBERTO, I. **A influência dos hiperlinks na leitura de hipertexto enciclopédico digital**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

HISSA, D. **A organização das informações em portais educacionais a partir de links**: uma descrição comparativa dos portais Centro Virtual Cervantes e Educared. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? **DELTA**, v. 7, n. 2, 1991.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. London: New York: Longman, 2006.

KRUG, F. S. O texto eletrônico e suas particularidades textuais. **Texto livre**: linguagem e tecnologia, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 37–47, jan.–abr. 2019.

LANDOW, G. **Web 2.0**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LOBO-SOUSA, A. C. **Hipertextualidade**: uma abordagem enunciativa de hipertextos, 2009.154f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Gênese do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.

MUNIZ-LIMA, I.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o conceito de interação. **Investigações**, Recife, v. 33, n. esp., p. 141-164, 2020.

PRIMO, A.; RECUERO, R. da C.; ARAÚJO, R. M. Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. **Revista Fronteira**, Belo Horizonte, v. VI, n. 1, p. 91–113, 2004.

RIBEIRO, A. E. Hipertexto e Vannevar Bush: um exame de paternidade. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.18, n.3, p. 45–58, set./dez. 2008.

SILVA, C. D. **Hashtags sob o viés da Semântica da Enunciação**. 2017. 228p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUSA, M. C. P. Texto digital: uma perspectiva material. **Revista da Anpoll**, Londrina, n. 35, p. 15–60, jul./dez. 2013.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Ed. 34, 2018.

XAVIER, A. C. Hipertexto e intertextualidade. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, n. 1, p. 283–290, jan./jun. 2003.

XAVIER, A. C. **O Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

Recebido em 21 de julho de 2022

Aprovado em 8 de junho de 2023